



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO AO LONGO DO PROCESSO DE ACOLHIMENTO FAMILIAR: PERSPETIVAS DOS JOVENS ACOLHIDOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano -

Mariana Marques Tavares

Porto, dezembro 2018



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO AO LONGO DO PROCESSO DE ACOLHIMENTO FAMILIAR: PERSPETIVAS DOS JOVENS ACOLHIDOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano -

Mariana Marques Tavares

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof. Dr.^a Mariana Negrão

Prof. Dr.^a Lurdes Veríssimo

Porto, dezembro 2018

AGRADECIMENTOS

Às Professoras Lurdes Veríssimo e Mariana Negrão, obrigada por tudo. Não tenho palavras para expressar a gratidão pelo tempo, pelas palavras carinhosas e de incentivo e por todas as orientações que me deram. Sei que sem esse apoio esta etapa teria sido tudo bem mais difícil. Obrigada por serem um exemplo e uma inspiração!

À Professora Elisa, por toda a disponibilidade, orientação e partilha de conhecimentos.

Aos meus Pais, um obrigada do tamanho do mundo. Obrigada por todo o carinho e apoio incondicional. Obrigada por estarem sempre lá e acreditarem em mim, mesmo quando eu não acredito. Obrigada pelos exemplos, pelos conselhos e pela força que me dão. Sei que não conseguia chegar onde cheguei se não fossem vocês. Adoro-vos!

Ao Rafa, por seres o melhor mano que podia pedir. Pela capacidade de perceberes sempre quando preciso e saberes sempre o que dizer. Sabes o quanto te adoro e o orgulho que tenho na pessoa que és!

À Tia Carmen, Tia Bé, Tio Paulo e Avô, obrigada por estarem sempre presentes quando preciso e terem sempre uma palavra de apoio e carinho.

À Teresa, por estares sempre lá. Pela amizade e carinho e por me ajudares a voar. Obrigada por tudo o que me transmitiste e transmites, obrigada por seres um grande exemplo!

Às minhas lindas, Inês, Joana e Catarina. Obrigada por me ouvirem e apoiarem sempre. Obrigada por todas as chamadas, cafés e jantares e por tudo o que passamos juntas. Sabem o quanto gosto de vocês, levo-vos para a vida.

Às amigas da Católica. À Beatriz e à Maria João, por termos crescido juntas ao longo destes 5 anos, por toda a amizade, carinho e apoio que me deram. Sabem o quanto gosto de vocês. Ao Hugo, por saberes sempre o que dizer, por me fazeres acreditar em mim e por seres um grande exemplo. À Carlota, por estes anos, pela partilha da paixão pela Educação e por tudo o que nos foi aproximando. À Carolina, obrigada por teres sido mais do que a minha companheira de casa, obrigada por tudo o que partilhamos e por todo o apoio que me deste.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
Acolhimento familiar em Portugal	2
Relações familiares	3
Desafios e estratégias de adaptação dos jovens em acolhimento familiar	4
METODOLOGIA	7
Participantes	7
Instrumento	8
Procedimentos de recolha de dados	9
Procedimentos de tratamento e análise de dados	9
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	10
CONCLUSÕES	16
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Guião de entrevista semiestruturada “*Perceções dos jovens acerca dos desafios e estratégias de adaptação ao longo do processo de acolhimento familiar*”

Anexo II – Pedido de colaboração no estudo e consentimento informado

Anexo III – Sistema de categorias

Anexo IV – Codificação, categorização e descrição das categorias

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização dos participantes 7

RESUMO

Atualmente, a investigação acerca da temática do acolhimento familiar em Portugal é ainda reduzida, particularmente no que diz respeito à perspetiva dos jovens acolhidos.

Neste sentido, a presente investigação tem como principal objetivo compreender a perspetiva dos jovens acolhidos acerca dos principais desafios e estratégias de adaptação vivenciados ao longo do processo de acolhimento familiar. Este estudo contou com cinco participantes, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M=15,6$), todos em situação de acolhimento familiar. Foi utilizada uma metodologia qualitativa e, com base num guião de entrevista semiestruturado construído para o efeito, foram realizadas entrevistas.

Os resultados obtidos colocam em destaque o papel das relações simultaneamente como desafio e fator de adaptação significativo (ao nível das redes de suporte formais e informais). Estas relações são de vários âmbitos: relação com a família biológica, com a família de acolhimento e, ainda, a relação com a escola e com os pares. São também apresentadas as limitações deste estudo, os seus contributos, as suas implicações práticas e, ainda, sugestões para futuras investigações.

Palavras-chave: acolhimento familiar, jovens acolhidos, desafios, estratégias de adaptação.

ABSTRACT

Currently, research considering family foster care in Portugal is still limited, particularly regarding youth's perspective.

In this sense, the current research aims to understand the perspective of the youth in family foster care, regarding the main challenges and coping strategies experienced during the process. This study consisted of five participants, aged between 12 and 18 years ($M = 15.6$), all of whom were young people in a foster family care setting. A qualitative methodology was used and, based on a semi-structured interview script built for this purpose, interviews were conducted.

The results highlight the role of relations simultaneously as a challenge and a significant adaptation factor (formal and informal support networks). These relationships include several spheres: the relationship with the biological family, with the host family and the relationship with the school and with the peers. The limitations of this study, its contributions, its practical implications and suggestions for future investigations are also presented.

Key words: family foster care, foster care youth, challenges, coping strategies.

INTRODUÇÃO

O acolhimento familiar em Portugal é uma temática que tem vindo a suscitar bastante interesse mas que, no entanto, apresenta ainda pouca investigação (Delgado, Carvalho & Pinto, 2014). Torna-se pertinente reforçar a investigação neste domínio uma vez que, considerando todas as crianças que se encontram em situação de acolhimento, apenas uma pequena percentagem se encontra em acolhimento familiar (Instituto da Segurança Social, 2018).

Adicionalmente, a preocupação pela consideração da perspetiva dos jovens acolhidos é também recente. Existem poucos estudos nacionais e internacionais que abordem as temáticas referentes à perspetiva dos jovens, bem como aos desafios a que estes são expostos e acerca das estratégias de adaptação e fatores protetores que possam ajudar a contorná-los.

Neste sentido, o objetivo geral deste estudo é compreender quais os principais desafios e estratégias de adaptação dos jovens acolhidos, ao longo do processo de acolhimento familiar. Como objetivos específicos pretende-se: (a) compreender qual a perceção dos jovens acolhidos acerca da sua relação com a família de acolhimento; (b) compreender quais os principais desafios e dos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar; (c) compreender quais as principais estratégias de adaptação dos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

ACOLHIMENTO FAMILIAR EM PORTUGAL

O acolhimento familiar é uma medida de proteção que, segundo o decreto-lei n.º 142/2015, de 8 de setembro, se constitui como a “atribuição da confiança da criança ou do jovem a uma pessoa singular ou a uma família, habilitadas para o efeito, visando a integração em meio familiar, bem como a prestação de cuidados adequados às necessidades, bem-estar e educação necessária ao desenvolvimento integral das crianças e dos jovens” (Diário da República, 2015).

Em Portugal, e de acordo com o relatório CASA 2017, das 7553 crianças e jovens que se encontravam em situação de acolhimento em 2017, apenas 246 estavam em acolhimento familiar (Instituto da Segurança Social, 2018). Das crianças e jovens que beneficiam desta medida, 65% são do sexo masculino e 77% têm idade igual ou superior a 12 anos, tendo a faixa etária dos 0 aos 5 anos um peso de apenas 7,3% (Instituto da Segurança Social, 2018). A realidade portuguesa assenta num acolhimento familiar de carácter prolongado, pois, atualmente, mais de 60% das crianças e jovens que se encontram em acolhimento familiar estão nesta situação há seis ou mais anos (Instituto da Segurança Social, 2018). O principal motivo de retirada das crianças e jovens às famílias biológicas é a negligência parental – estes são deixados sozinhos ou com irmãos menores por largos períodos de tempo e/ ou expostos a modelos parentais desviantes, surgindo também alguns casos de negligência de cuidados de saúde e educação (Instituto da Segurança social, 2018).

No que respeita às famílias de acolhimento, podem candidatar-se a acolhimento pessoas que tenham, entre outros critérios, uma idade entre os 25 e 65 anos (no caso de ser um casal, aplica-se a, pelo menos, um dos membros), possuam a escolaridade mínima obrigatória e tenham as condições de saúde, higiene habitação e necessárias ao acolhimento de uma criança ou jovem (Diário da República, 2008). Os acolhedores em Portugal são, normalmente, casais, com uma idade média de 40 anos, em que um dos membros se encontra numa situação de reforma (normalmente o homem) e têm entre o quarto e o sexto ano de escolaridade (Delgado & Pinto, 2011).

RELAÇÕES FAMILIARES

O processo de vinculação é a tendência seletiva de uma criança pequena para procurar conforto, apoio, cuidado e proteção de, pelo menos, um cuidador adulto (Zeanah, Shaffer & Dozier, 2011). Sendo a questão da vinculação reconhecidamente importante para a qualidade do desenvolvimento e implicando o processo de acolhimento uma mudança, ainda que transitória, de cuidadores primário, a nível internacional, há vários estudos que abordam o tema do acolhimento familiar e as questões associadas à vinculação, que são fundamentais ao longo de toda a trajetória de vida e, particularmente, nos primeiros anos. Nesta linha, um estudo realizado por Smyke, Zeanah, Fox, Nelson, e Guthrie (2010) acerca da vinculação em crianças pequenas que foram acolhidas, concluiu-se que estas têm a capacidade de ultrapassar as adversidades e de formar relações de vinculação saudáveis. Assim, após uma avaliação das 169 crianças que integravam a amostra, concluíram que no que diz respeito às relações de vinculação segura, as crianças colocadas em acolhimento familiar entre os 12 e os 36 meses, tiveram ganhos significativos nesta dimensão, quando comparadas com as que permaneceram institucionalizadas (Smyke et al., 2010). Também o estudo de Oosterman e Schuengel (2008), que se centrou na avaliação da relação de vinculação de crianças em situação de acolhimento (N=61), tendo por base comparativa os padrões das crianças que nasceram e cresceram sempre com os mesmos pais, permitiu concluir que as crianças acolhidas com relações de vinculação menos seguras exibiram problemas de externalização, quando comparadas com as crianças acolhidas com relações de vinculação seguras.

Para além da relação com a família de acolhimento, é também importante considerar a relação com a família biológica. Um estudo realizado por Ellingsen, Stephens e Størksen (2011) teve como objetivo cruzar as perspetivas de adolescentes em acolhimento familiar e as suas respetivas famílias (biológicas e de acolhimento), acerca da perspetiva que os adolescentes têm do que é uma família. Conclui-se que, de uma forma geral, as famílias de acolhimento têm uma perspetiva mais congruente com a dos adolescentes o que, na opinião dos autores, fará algum sentido na medida em que os adolescentes passam muito mais tempo com a família de acolhimento do que com a família biológica – onde, muitas vezes, o seu contacto é limitado ou restrito (Ellingsen et al., 2011). No entanto, a manutenção de uma relação positiva entre os jovens e a família biológica traz também inúmeros benefícios, nomeadamente no que respeita a uma melhor gestão emocional do processo de retirada e, ainda, no desenvolvimento positivo da sua identidade (Delgado, 2017).

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DOS JOVENS EM ACOLHIMENTO FAMILIAR

O comportamento das crianças e jovens acolhidos é influenciado por diversos fatores, nomeadamente, pelas experiências prévias de negligência parental, maus tratos, mas também pela retirada à família biológica (Kelly & Salmon, 2014). Estas experiências prévias de carácter mais negativo constituem-se como fatores de stress e contribuem para o aumento da probabilidade destas crianças e jovens experienciarem problemas de comportamento (Van AnDEL et al., 2015) e ajustamento – ao nível académico, social, comportamental e psicológico (Jones & Morris, 2012). Ainda, estas experiências negativas podem ter consequências no seu desenvolvimento, nomeadamente no que diz respeito à capacidade de formar relações de vinculação saudáveis com os seus acolhedores (Cooley, Wojciak, Farineau & Mullis, 2015).

Começando por considerar os desafios associados ao acolhimento familiar, no que diz respeito à realidade portuguesa, há ainda pouco investimento no desenvolvimento de um acolhimento que vá de encontro às necessidades desenvolvimentais das crianças e jovens acolhidos e às diversas necessidades das famílias acolhedoras e biológicas (Delgado et al., 2014). Nesta linha, um estudo de Delgado, Carvalho e Del Valle (2015), concluiu que os acolhedores portugueses apresentam menor relação com a comunidade e com as famílias biológicas. Para além disto, a maior parte dos acolhedores em Portugal tem pouca ou nenhuma formação (Delgado, Carvalho, Pinto, & Oliveira, 2017), o que se torna um desafio para ambas as partes – quer acolhedores, quer crianças ou jovens acolhidos. Este défice ao nível da formação pode não dar resposta às eventuais dificuldades dos acolhedores, podendo, conseqüentemente, acabar por condicionar de uma forma menos positiva o bem-estar geral das crianças e jovens acolhido (Delgado et al., 2015). Outra questão a salientar é a informação que é dada aos acolhedores sobre a criança ou jovem – muitas vezes é deficitária, dificultando a integração e, conseqüentemente, a continuidade do acolhimento bem como a reação adequada a sinais de stress evidenciados por eles (Delgado et al., 2015; Van AnDEL, Grietens, Strijker, Van der Gaag & Knorth, 2014).

Para além destas questões, surge também a questão da retirada à família biológica – que, em muitos casos, pode constituir-se como um desafio para as crianças e jovens. Isto porque a retirada à família biológica implica uma separação da criança com o seu ambiente (casa, escola, bairro), que acontece, muitas vezes, sem o conhecimento prévio das próprias crianças (Bertão, Delgado, Carvalho, & Pinto, 2015). Para além da forma como as crianças e jovens são retirados às suas famílias, também a qualidade das relações que estas estabelecem contribuirá para a forma como aceitam a medida, como elaboram as perdas inerentes às

separações e se disponibilizam para a criação de novos laços nas famílias de acolhimento e no modo como reorganizam, se necessário, as ligações com a família biológica (Bertão et al., 2015).

Estas questões associadas às relações familiares (quer com a família de acolhimento, quer com a família biológica) e à vinculação, são questões que podem ser vistas como desafios mas, por outro lado, também podem ser vistas como estratégias de adaptação e fatores protetores. Neste sentido, no que concerne à família biológica, a relação positiva pode ter um impacto positivo nos jovens acolhidos, na medida em que pode permitir que estes façam uma melhor gestão emocional do processo de retirada e, ainda, pode ser útil no desenvolvimento positivo da sua identidade (Delgado, 2017).

A relação com a família de acolhimento pode ser também uma importante estratégia de adaptação na medida em que, quando os cuidadores são sensíveis às necessidades das crianças e jovens, estas têm mais tendência a formar relações de vinculação seguras e saudáveis (Cooley et al., 2015; Zeanah et al., 2011). Estas relações estão diretamente relacionadas com a menor probabilidade das crianças virem a desenvolver reações agressivas e com a maior probabilidade de desenvolverem boas relações interpessoais (Van Andel et al., 2015). Mais, sendo a relação das crianças e jovens com os seus acolhedores percebida como positiva, também o será a sua percepção de bem-estar geral (Maaskaant, Van Rooij, Bos, & Hermanns, 2016). Assim, a qualidade dos laços emocionais das crianças e jovens com os outros tem um papel significativo quer no seu ajuste psicológico, quer na realização escolar, sendo que as crianças e jovens que têm relações de vinculação mais seguras com as suas famílias de acolhimento revelam maior ajuste psicológico e têm uma melhor realização escolar (Marcus, 1991). Neste sentido, o estudo de Berrick e Skivenes (2012) aborda as questões da parentalidade, tendo selecionado famílias de acolhimento dos Estados Unidos e da Noruega, que fornecem cuidados considerados de alta qualidade para as crianças e jovens em situação de acolhimento familiar. Neste estudo, os autores concluem que um acolhimento familiar de qualidade implica uma adaptação das capacidades parentais aos desafios impostos por estas crianças e jovens (Berrick & Skivenes, 2012). Os autores destacam três dimensões que devem estar incluídas num acolhimento de qualidade e que vão para além das exigências parentais em circunstâncias normativas: a) atender à experiência de integração da criança ou jovem numa nova família; b) ter em conta as relações familiares entre a criança ou jovem, a família biológica e a família de acolhimento e c) agir de acordo com o desenvolvimento e necessidades especiais da criança ou jovem acolhido (Berrick & Skivenes, 2012).

A par das relações com a família biológica e de acolhimento, também a relação positiva com os pares é importante, no sentido em que esta relação tem um impacto na consolidação da identidade, da autonomia, da maturidade social e da formação da sua personalidade, influenciando e reforçando a autoestima e potenciando a autonomia (Monteiro & Confraria, 2014).

Para além das relações com outros, o processo de acolhimento propriamente dito pode constituir-se como um fator protetor, nomeadamente, em relação à questão da permanência. O acolhimento familiar de carácter prolongado pode representar um contexto adequado ao desenvolvimento dos jovens, possibilitando um sentido de permanência e de estabilidade (Delgado, 2014).

Finalmente, é importante salientar como estratégia de adaptação a resiliência psicológica. As crianças e jovens em situação de acolhimento familiar que são capazes de superar os desafios e dificuldades a que foram expostas tornam-se resilientes. O estudo de Drapeau, Saint-Jacques, Lépine, Bégin e Bernard (2007), teve como objetivo perceber qual o processo que contribui para a resiliência nas situações de acolhimento familiar. Assim, estes autores destacam a existência de cinco domínios associados à resiliência psicológica as crianças em situação de acolhimento familiar: a) a participação escolar ou empregabilidade; b) as relações positivas com os colegas (nomeadamente, ser capaz de ter relações românticas e de aceitação e apreço por parte dos colegas); c) a capacidade de estabelecer relações significativas e positivas com adultos; d) as características pessoais, tais como o estabelecimento de metas positivas, o reconhecimento de forças pessoais e o respeito por si próprio; e) o envolvimento em atividades diversas, tais como a participação em atividades desportivas, culturais e outras (Drapeau et al., 2007).

Destaca-se, assim, a importância de considerar as perspetivas dos jovens acolhidos, no sentido de obter informações relativas aos desafios que enfrentam e às estratégias que ajudam a contorná-los, o que é muito importante para quem trabalha nestes contextos e com crianças com histórias de vida semelhantes (Ellingsen et al., 2011). No entanto, existem ainda poucos estudos, nacionais e internacionais, acerca dos desafios a que os jovens que se encontram numa situação de acolhimento familiar são expostos mas também acerca das estratégias de adaptação e fatores protetores que possam ajudar a contorná-los. Para além disso, existe também pouca literatura no âmbito do acolhimento familiar que considere a perspetiva dos jovens acolhidos. Nesse sentido, este estudo pretende compreender quais os principais desafios e estratégias de adaptação dos jovens acolhidos, na sua perspetiva, ao longo do processo de acolhimento familiar.

METODOLOGIA

Considerando o **objetivo geral** do estudo – compreender a perspectiva dos jovens acolhidos sobre os principais desafios e estratégias de adaptação ao longo do processo de acolhimento familiar – foram definidos os seguintes **objetivos específicos**:

1. Compreender qual a percepção dos jovens acolhidos acerca da sua relação com a família de acolhimento.
2. Compreender quais os principais desafios e dos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar.
3. Compreender quais as principais estratégias de adaptação dos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar.

Atendendo a estes objetivos, este estudo tem por base uma metodologia qualitativa, que pretende compreender de uma forma aprofundada as interpretações, experiências e perspectivas dos participantes (Ritchie & Lewis, 2003).

PARTICIPANTES

Este estudo integra cinco participantes (n=5), cuja caracterização se encontra na tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Participantes	MA	M	B	C	D
Sexo	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino
Idade (anos)	13	15	16	16	18
Tempo em situação de AF (anos)	3	7	7	7	6
Nº de elementos do agregado familiar	3	4	4	4	5
Constituição do agregado familiar	MA e casal acolhedor	M, B (irmão biológico do M) e casal acolhedor	B, M (irmão B) e casal acolhedor	C, casal acolhedor e A (filho biológico do casal acolhedor)	D, casal acolhedor, RA e G (filhos biológicos do casal acolhedor)

Os participantes são jovens que se encontram atualmente em famílias de acolhimento, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (M=15,6), sendo esta a faixa etária mais prevalente, considerando as crianças e jovens que se encontram em acolhimento familiar, em Portugal (Instituto da Segurança Social, 2018). O contacto com estes participantes foi conseguido através de uma Entidade gestora de processos de acolhimento familiar.

No passado, todos os jovens entrevistados estiveram com as suas famílias biológicas (“C: *[Antes de estar com a família de acolhimento estava] com a minha mãe*”). Desses, três referem ter estado numa casa de acolhimento (M: *[Antes de estar com a família de acolhimento estava] no colégio*) e um refere ter tido uma experiência com outra família de acolhimento (“D: *Já tive numa mas isso (...) não foi bem (...) tiveram uma interrupção, tiveram de ir para Inglaterra (...) então não deu para... continuar esse...*”), antes de terem sido acolhidos pela família de acolhimento com que se encontram atualmente.

INSTRUMENTO

As entrevistas semiestruturadas foram orientadas por um guião – “*Perceções dos jovens acerca dos desafios e estratégias de adaptação ao longo do processo de acolhimento familiar*” (Tavares, Negrão, Veiga & Veríssimo, 2018), que foi construído pela equipa de investigação, considerando a literatura existente, os objetivos do estudo e as especificidades dos participantes (cf. anexo I).

Este guião integrou, para além dos dados sociodemográficos, questões relacionadas com: **(i) a perceção dos jovens acerca da sua relação com a família de acolhimento**, mais especificamente, questões relativas à situação de acolhimento (com quem vivem, há quanto tempo estão na família de acolhimento, ...), sobre a relação com a família de acolhimento, acerca das rotinas e participação no quotidiano da família de acolhimento e, ainda, relativas ao apoio que a família presta na dimensão escolar (apoio nos trabalhos de casa/ estudo, deslocações para a escola, ...); **(ii) os desafios com que os jovens se confrontaram ao longo do processo de acolhimento**, que procura compreender quais as situações em que os jovens sentiram dificuldades ao longo do processo e porquê; e, finalmente, **(iii) as estratégias de adaptação utilizadas pelos jovens, perante os desafios mencionados**, que procura compreender de que forma é que os jovens ultrapassaram as dificuldades sentidas e, ainda, se recorreram a algum tipo de apoio formal (por parte de entidades ou instituições) ou informal (familiares e/ ou amigos) recorrem.

PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados teve início com o pedido de autorização a uma Entidade gestora de processos de acolhimento familiar, de modo a serem identificadas famílias de acolhimento que integrassem jovens que pudessem participar no estudo. Após a autorização, a equipa de investigação contactou telefonicamente as famílias de acolhimento, explicando os objetivos do estudo, assegurando a confidencialidade dos dados e questionando acerca da disponibilidade dos jovens acolhidos para participar no estudo. Foi também comunicado às famílias e aos jovens que estes poderiam desistir do estudo a qualquer momento, sem qualquer repercussão.

Depois do consentimento das famílias para a participação dos jovens no estudo, foram agendadas as entrevistas presenciais que se realizaram no local mais conveniente para cada participante. As entrevistas foram realizadas com os cinco jovens, durante o mês de maio de 2018. Imediatamente antes da realização das mesmas, foi apresentado o consentimento informado (cf. anexo II), onde foi pedida autorização para a gravação em formato áudio e onde foram asseguradas questões éticas e deontológicas, tais como a confidencialidade dos dados fornecidos e o uso da informação apenas para efeitos de investigação. Por se tratarem de menores, foi pedida autorização aos jovens mas também aos seus representantes legais (em todos os casos, um dos membros da família de acolhimento). Mais uma vez, foi explicado ao jovem a possibilidade de desistir do estudo a qualquer momento e o direito de não querer responder a alguma questão (Berrick, Frasch & Fox, 2000). No final das entrevistas foi agradecida a participação de cada jovem e a sua contribuição para a investigação.

PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

O tratamento dos dados passou, numa primeira etapa, pela transcrição das entrevistas, assegurando um maior rigor das respostas dos participantes. Seguidamente, procedeu-se à leitura flutuante das entrevistas transcritas, de modo a permitir uma maior apropriação dos dados (Ritchie & Lewis, 2003).

A análise dos dados foi semi-indutiva e orientada pelos princípios da *Grounded Theory*, com recurso ao software NVivo 11.2.0.. Assim, seguindo o princípio da codificação aberta, os dados foram segmentados em unidades de registo e foram sendo gradualmente codificados seguindo o princípio indutivo e através de um processo de comparação constante (Saldaña, 2011). Progressivamente, as categorias e subcategorias foram sendo organizadas num sistema de categorias (cf. anexo III).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados a partir dos objetivos específicos definidos anteriormente, integrando a informação das categorias e subcategorias pertinentes para cada um (cf. anexo IV). Serão sustentados com alguns exemplos de excertos das entrevistas e discutidos à luz da literatura.

1. Compreender qual a percepção dos jovens acolhidos acerca da sua relação com a família de acolhimento

A relação com a família de acolhimento é percebida por todos os jovens entrevistados, numa **avaliação global**, como sendo muito positiva (“D: *Melhor que isto é impossível*”). Os jovens destacam ainda alguns **aspectos positivos desta relação**, nomeadamente, a partilha de experiências (“B: *Sim, a tia costuma falar [sobre o dia-a-dia]*”) e, ainda, a expectativa positiva face ao futuro, baseada também no sentido de pertença à família de acolhimento (“B: *Não quero sair daqui, eu... quero ficar sempre aqui*”).

Ao nível do **tipo de apoio proporcionado pela família de acolhimento**, quatro jovens destacam o suporte, de uma forma geral, associado a questões de dia-a-dia (“E: *Mesmo quando tu tens algum problema de dia a dia, alguma coisa de que queiras desabafar, com quem é que tu costumavas falar?* C: *Com eles... Também se for assim uma coisa que não é assim tão grave e isso falo com os amigos... o normal*”) e o apoio no estudo e trabalhos de casa, mais especificamente (“D: *Particularmente a S., porque ela é, claro, melhor a português que o R.*”). No que diz respeito aos **elementos da família de acolhimento**, quatro jovens destacam a figura feminina da família de acolhimento como o elemento que mais presta suporte, no sentido de se mostrar mais disponível para conversar, ajudar na resolução de alguns problemas e prestar apoio quando estes consideram necessário (“B: *Porque a tia acho que... A tia compreende-me mais*”) e dois jovens referem ainda outros membros (“C: *É quase como se fosse um irmão, de vez em quando chateamo-nos... o normal*”).

Para além da percepção dos jovens acerca da sua relação com a família de acolhimento, também a sua **participação ativa no quotidiano** da mesma é um importante indicador para a compreensão desta relação. Assim, o envolvimento dos jovens nas atividades e rotinas familiares acontece ao nível das atividades de lazer, tais como passeios e convívio com outros familiares (“D: *Ao fim de semana, por exemplo ao sábado, vamos sempre a casa da minha avó jantar e almoçar*”) e, também, ao nível das atividades de vida diária, que passam pela realização de tarefas em casa (“M: *Limpar o pó, lavar a loiça, fazer as camas...*”). O

aniversário dos jovens surge também como exemplo da integração dos jovens na dinâmica familiar (“*C: jantei com a família e combinei com amigos ir sair*”).

Existem inúmeras vantagens associadas à percepção positiva que os jovens têm da sua relação com a família de acolhimento.

De acordo com o modelo bioecológico, o desenvolvimento de um indivíduo é influenciado pelos diferentes sistemas que o rodeiam, nomeadamente, o microsistema, que remete para o seu núcleo familiar (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). Considerando então que a família é fundamental para o desenvolvimento dos jovens a relação que estes têm com a mesma – neste caso, com a família de acolhimento – poderá ter um impacto negativo ou positivo no seu desenvolvimento (Andersson, 2005).

Nesta linha compreende-se que existe uma maior possibilidade de promoção do crescimento e desenvolvimento dos jovens quando os acolhedores utilizam algumas estratégias parentais caracterizadas pela responsividade, pela proatividade, pelo compromisso, pela intencionalidade e ainda pela sensibilidade relativamente à idade ou etapa desenvolvimental dos jovens (Berrick & Skivenes, 2012). A par destas estratégias surge ainda a importância da promoção do sentido de pertença à família (Berrick & Skivenes, 2012), que passa pela inclusão e participação ativa dos jovens nas atividades diárias e rotinas familiares como um atual membro da família (Biehal, 2014) e que é um fator determinante no estabelecimento e manutenção de uma relação familiar positiva. Esta questão é visível nos resultados, mais concretamente através dos exemplos transmitidos pelos jovens de participação ativa no quotidiano das famílias de acolhimento, que permitem compreender este sentido de pertença e a inclusão na família de acolhimento. A relação de vinculação que se estabelece entre os jovens e a família de acolhimento pode ter um papel importante no sentido de pertença dos jovens à família. Ou seja, os efeitos negativos associados à carência total ou parcial dos cuidados prestados pela família biológica (quer seja pela ausência de uma figura cuidadora, quer seja pela insegurança das relações estabelecidas), podem ser minimizados através de uma figura de vinculação de substituição (Bertão, Delgado, Carvalho & Pinto, 2015).

Também, de acordo com o estudo de Sinclair e Wilson (2003) acerca dos fatores que contribuem para um acolhimento familiar bem-sucedido, destaca-se a relação entre os acolhedores e o jovem acolhido como sendo determinante no sucesso (ou insucesso) do acolhimento. Mais, estes autores salientam ainda que a vontade que os jovens têm de ser acolhidos e as expectativas positivas em relação à família de acolhimento também são fatores

fundamentais para um acolhimento bem-sucedido (Sinclair & Wilson, 2003). Ainda, de acordo com o estudo de Cooley e colaboradores (2015), a percepção positiva dos jovens sobre suas relações com os cuidadores tem um impacto positivo no relato e autorrelato de comportamentos de internalização e externalização. Ou seja, a percepção da relação como positiva está associada a um menor autorrelato de comportamentos de internalização por parte dos jovens, bem como a um menor relato por parte dos acolhedores de comportamentos de internalização e externalização dos jovens (Cooley, Wojciak, Farineau & Mullis, 2015). Assim, é possível perceber que a percepção positiva que os jovens têm da relação com a família de acolhimento pode ser um fator protetor, na medida em que esta percepção positiva da relação pode influenciar a percepção de bem-estar geral dos jovens também como positiva (Andersson, 2005; Maaskaant, Van Rooij, Bos, & Hermanns, 2016).

Tal como é visível nos resultados, a família de acolhimento pode, ainda, ser vista para alguns jovens como um exemplo de estrutura, suporte e disponibilidade (Maaskaant, Van Rooij, Bos & Hermanns, 2016), influenciando positivamente o estabelecimento de relações pessoais mais significativas (Andersson, 2005). Assim, relação entre a família de acolhimento e os jovens acolhidos é especial e integra desafios únicos sendo, por isso, muito importante que o jovem se sinta bem-vindo, seguro e compreendido no seio desta família (Van Andel, Grietens, Strijkert, Van der Gaag, & Knorth, 2014). Para além disto, a família de acolhimento deve ser sensível às necessidades dos jovens e ter em conta as suas expectativas e também ser flexível relativamente à família biológica (Van Andel et al., 2014). O dispôr de um ambiente que se foque na segurança e compreensão da criança é fundamental, pois contribui para a formação de uma relação de vinculação saudável entre os membros da família de acolhimento e o jovem que é acolhido.

2. Compreender quais os principais desafios dos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar

Relativamente a este objetivo específico, é pertinente abordar as categorias que integram as **dificuldades sentidas pelos jovens nos momentos prévios ao acolhimento e durante o mesmo**, ou seja, desde que se integram a família de acolhimento.

Assim, no que respeita aos **momentos anteriores ao acolhimento**, destacam-se as expectativas negativas em relação à família de acolhimento. Dois dos jovens focam o receio da mudança e da adaptação à família de acolhimento (“*MA: Eu não queria vir para aqui (...)*”; “*M: Antes de vir para aqui o problema era adaptar-me à família*”) e ainda as

incertezas em relação à mesma (“C: *No início senti-me atrapalhada porque era aquela impressão de ir morar com estranhos e que não conhecia de lado nenhum*”). Ainda, a associação negativa ao contexto institucional, mais especificamente, ao ambiente físico das casas de acolhimento (“B: *Não gostava do sítio, não gostava do ambiente que estava lá... não era confortável*”), pode ser considerada uma dificuldade.

Durante o acolhimento, surgem as dificuldades associadas à **relação com a família biológica**. Dois dos jovens destacam o facto de, muitas vezes, não existir contacto com a mesma (“C: *Por um lado sinto-me mal porque gostava que ela [mãe] mostrasse interesse e isso...*”). Para além disso destaca-se também a influência negativa que pode ter tido o facto de alguns jovens não manterem contacto com a família biológica (“D: *A minha mãe, infelizmente, já faleceu... só tenho o meu pai... o resto da família está toda na China*”).

As dificuldades associadas à **relação com a escola e com o grupo de pares** também surgem no relato de um destes jovens, nomeadamente ao nível da adaptação, numa fase inicial (“C: *Criar as amigas. No início foi difícil, mas depois fui-me habituando*”), pois todos os jovens entrevistados, no momento em que foram acolhidos, tiveram de mudar de zona de residência e, conseqüentemente, de escola, o que parece ter tido impacto ao nível da adaptação a uma nova escola e do estabelecimento de novas relações sociais.

Os jovens que se encontram em situação de acolhimento familiar estão expostos a fatores de stress desde muito cedo, quer seja pelas suas trajetórias de vida, quer seja pelas mudanças familiares a que são sujeitos (Van Andel et al., 2014), apresentando uma maior probabilidade de virem a desenvolver problemas de saúde mental, de comportamento e de adaptação, quando comparados com outros jovens que não se encontram na mesma situação (Jones & Moris, 2012; Sawyer, Carbone, Searle & Robinson, 2007). De uma forma geral, são também jovens que muitas vezes apresentam um desempenho académico inferior, quando comparados com jovens que não se encontram em situação de acolhimento (Trout, Hagaman, Casey, Reid, & Epstein, 2008). O desempenho académico de qualquer jovem está dependente do seu envolvimento escolar, que é um construto que envolve várias dimensões – cognitiva, afetiva, comportamental e agenciativa – esta última, que coloca o aluno como centro da ação (Veiga, 2012). Isto significa que, para além das questões mais intrínsecas a cada jovem, também as suas relações nos diversos contextos vão ter impacto no seu envolvimento e desempenho na escola – relações estas que englobam os professores, os pares e também a família. Tal como mencionado por alguns jovens, o facto de terem de mudarem de casa pode implicar também uma mudança de escola que, por sua vez, implica uma nova definição das suas relações.

No que respeita à relação com a família biológica, de acordo com um estudo realizado em Portugal, a principal razão para a cessação do contacto (67% dos casos) é a de desinteresse ou abandono por parte da família biológica (Delgado, 2016). Esta questão tem um impacto negativo nos jovens, pois o contacto positivo com a família biológica influencia, também de uma forma positiva, o bem-estar dos jovens e o seu desenvolvimento (Delgado, 2017).

É importante destacar também a dificuldade dos jovens em falar sobre os seus desafios, pois estes emergem no seu discurso mas não são aprofundados ou debatidos abertamente. Podemos talvez compreender que esta questão poderá estar relacionada com o recurso a mecanismos de defesa como forma de adaptação a uma situação que pode estar a causar stress psicológico (Cramer, 2000), dada a sensibilidade da temática.

3. Compreender quais as principais estratégias de adaptação dos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar

É pertinente abordar as categorias que integram as **os aspetos positivos e as redes de suporte, na perspetiva dos jovens, nos momentos prévios ao acolhimento e durante o mesmo** para compreender as estratégias de adaptação dos jovens.

Assim, nos **momentos prévios ao acolhimento**, as expectativas positivas dos jovens em relação à família de acolhimento funcionam como um fator protetor, pois estes jovens acreditam que o seu futuro com a família de acolhimento vai ser um futuro melhor (“*B: Que ia tudo melhorar. Que ia ser tudo melhor... de lá para a frente*”).

No que diz respeito ao **momento presente** e relativamente à **relação com a família biológica**, a manutenção do contacto com alguns membros da família biológica (“*D: Vou a Aveiro, porque ele [o pai] mora lá... nos feriados*”) pode ser considerada um aspeto positivo e protetor para alguns jovens. A **relação com o grupo de pares** surge como algo positivo, como uma relação de suporte (“*C: Falo com os amigos*”; “*M: O meu melhor amigo*”). A **relação positiva com as instituições**, mais concretamente com alguns membros das mesmas, funciona como fator de suporte e foi descrita pelos jovens como sendo um recurso importante aquando o surgimento de dificuldades (“*B: Que me ajudaram? E.: Sim. Há alguém...? B:A Dr.ª C., ajudou-nos muito.*”).

Finalmente, no que diz respeito à **vivência psicológica do processo de acolhimento familiar**, são destacados alguns aspetos pertinentes, nomeadamente, o facto dos jovens considerarem que, numa fase inicial, foi um processo difícil, mas reconhecerem que, atualmente, se encontram numa situação mais confortável (“*MA.: Acho que o meu*

comportamento mudou... Num bom [sentido] (risos)”; “C: No início senti-me atrapalhada... preferia ‘tar c’a minha mãe... [percebi] que quem estava errada não eram eles mas sim a minha mãe...”).

Vários fatores protetores e estratégias de adaptação foram identificados através do relato dos cinco jovens entrevistados. Começando pela relação com a família de acolhimento e tal como foi previamente mencionado, quando esta é percebida de forma positiva pelos jovens pode ser um fator protetor (Cooley, Wojciak, Farineau & Mullis, 2015). Mais especificamente, a relação positiva com a família de acolhimento pode influenciar positivamente o desenvolvimento da resiliência, vinculação e desenvolvimento global dos jovens acolhidos (Storer, 2014). Também a tentativa da família de acolhimento em atender às necessidades específicas dos jovens, proporcionando-lhes uma boa integração na família de acolhimento (Berrick & Skivenes, 2012) é um importante fator protetor. Esta integração passa pelas questões salientadas, nomeadamente, a integração dos jovens nas rotinas familiares e os possíveis modelos de estrutura familiar e disponibilidade psicológica para atender às suas necessidades (Berrick & Skivenes, 2012). Mais, tal como mencionado anteriormente, a percepção da relação entre o jovem e a família de acolhimento como positiva contribui para uma melhor integração do jovem na família. Para além da relação com a família de acolhimento, também a relação positiva com a família biológica pode ter um impacto positivo, na medida em que pode permitir aos jovens fazer uma melhor gestão emocional do processo de retirada e, ainda, ser útil no desenvolvimento positivo da sua identidade (Delgado, 2017). De igual modo, a relação positiva com os pares é importante, no sentido em que esta relação tem um impacto na consolidação da identidade, da autonomia, da maturidade social e da formação da personalidade dos jovens, bem como influencia e reforça a autoestima e potencia a autonomia (Monteiro & Confraria, 2014).

Estes fatores protetores e de adaptação são facilmente integrados na comparação com o estudo de Drapeau e colaboradores (2007), que identifica alguns fatores que contribuem para o desenvolvimento da resiliência psicológica nos jovens em situação de acolhimento familiar. Estes passam pela participação escolar, pelas relações positivas com os colegas, pela capacidade de estabelecer relações significativas e positivas com adultos, pelo respeito por si próprio e ainda pelo envolvimento em atividades diversas (Drapeau et al., 2007). Através dos resultados, é possível compreender que todas estas questões foram abordadas pelos jovens como sendo importantes para o seu bem-estar.

CONCLUSÕES

De forma a sistematizar alguns aspetos relevantes que emergem dos resultados, é importante começar por destacar o facto da relação com a família biológica ser percecionada como desafio para alguns jovens e como estratégia de adaptação para outros. Com base na literatura, compreende-se que a manutenção desta relação, quando é positiva, funciona como um importante fator protetor. Não deve ser apenas considerada a relação jovem-família biológica, mas sim a relação jovem-família de acolhimento-família biológica. As vantagens desta relação triádica podem surgir ao nível da construção de representações e expectativas mais realistas, ao nível da construção de um projeto de vida que envolva todos os responsáveis pelo jovem, e, ainda, ao nível da possibilidade dos jovens estabelecerem relações de proximidade e de afeto com a família de acolhimento e com a família biológica (Bertão, Delgado, Carvalho & Pinto, 2015). Por outro lado, a relação com a família biológica pode também surgir numa perspetiva de desafio, nomeadamente considerando que esta relação quando é inexistente ou é percecionada de uma forma negativa, pode ter um impacto negativo no desenvolvimento dos jovens e do seu bem-estar (Delgado, 2017), facto que está também expresso nos resultados deste estudo.

Outro aspeto a destacar diz respeito à perceção positiva dos jovens da sua relação com a família de acolhimento, o que é coerente também com um estudo realizado em Portugal, onde os jovens acolhidos avaliam o acolhimento familiar como sendo positivo (Delgado, 2016). Nesta linha, faz sentido abordar a questão da duração do acolhimento familiar. Apesar de estar previsto no decreto-lei n.º 142/2015, de 8 de setembro que o acolhimento familiar é uma medida transitória, que pressupõe o regresso à família biológica (Diário da República, 2015), não é o que acontece na maior parte dos casos, sendo que, atualmente, mais de 60% das crianças e jovens que se encontram em acolhimento familiar estão nesta situação há seis ou mais anos (Instituto da Segurança Social, 2018). Nesse sentido, o acolhimento familiar pode representar um contexto adequado ao desenvolvimento dos jovens, possibilitando um sentido de permanência e de estabilidade (Delgado, 2014).

Assim, um acolhimento de qualidade deve atender à experiência de integração do jovem numa nova família, deve considerar as relações familiares entre o jovem, a família biológica e a família de acolhimento e deve atender ao desenvolvimento e necessidades especiais dos jovens (Berrick & Skivenes, 2012). Estas questões são enfatizadas através do relato dos jovens acolhidos, nomeadamente no que concerne aos fatores protetores e estratégias de adaptação, salientando a relação entre os resultados obtidos e a literatura.

Em suma, presente estudo pretende contribuir para a compreensão dos principais desafios sentidos pelos jovens acolhidos ao longo do processo de acolhimento familiar, bem como as estratégias de adaptação utilizadas para fazer face a esses mesmos desafios. Os resultados mostram que os principais desafios para estes jovens prendem-se, numa fase inicial, com receio da mudança e também com as expectativas em relação à família de acolhimento e à adaptação à mesma. Durante o processo de acolhimento, as dificuldades evidenciadas pelos jovens prendem-se, por um lado, com a relação com a sua família biológica, que, na maior parte dos casos, é inexistente. Esta falta de contacto parece ser interpretada por alguns dos jovens como falta de interesse e preocupação, podendo ser assim considerada um desafio. Por outro lado, a relação com os pares e com a escola surge, para alguns jovens, como uma dificuldade. A transição para a família de acolhimento implicou para alguns deles uma mudança de escola e/ ou de localidade, o que teve impacto na manutenção de algumas relações de amizade.

Perante estes desafios, as estratégias de adaptação que se destacam estão associadas, de uma forma geral, com redes de suporte (formais e informais). A relação com a família de acolhimento é a rede de suporte mais mencionada pelos jovens entrevistados e também é definida por todos eles como sendo muito positiva. A relação com a família biológica, apesar de ser vista para alguns jovens como um desafio, é vista por outros como um fator de suporte. Da mesma forma, a relação com os pares é também percecionada como um apoio importante, do ponto de vista dos jovens entrevistados. Para além das redes de suporte, também a forma como os jovens acolhidos percecionam todo o processo de acolhimento e as suas relações são importantes estratégias de adaptação neste processo.

Como limitações deste estudo destaca-se o facto de, por um lado, não ter sido possível atingir a saturação teórica, sendo por isso importante algum cuidado na leitura e interpretação dos resultados. Um maior número de participantes tornaria esta análise qualitativa muito mais rica e mais representativa da realidade do nosso país. Por outro lado, surgem também as questões metodológicas associadas às entrevistas a jovens. Dada a sensibilidade do tema e as idades dos participantes, as respostas dadas eram, de uma forma geral, curtas e sem um grande aprofundamento das questões colocadas.

Em contraste, este estudo apresenta também importantes contributos. Em primeiro lugar, a possibilidade de se considerar a perspetiva dos jovens acolhidos na primeira pessoa é talvez a sua maior força. De acordo com a *Convenção sobre os Direitos da Criança*, as crianças e jovens em situação de acolhimento devem participar nas decisões, dando a conhecer os seus pontos de vista (UNICEF, 2004). Seguidamente, a reduzida literatura nacional e internacional

acerca dos desafios e estratégias de adaptação dos jovens acolhidos permite que este estudo seja muito pertinente nesse sentido.

Assim, como propostas para investigações futuras, considera-se importante garantir a saturação teórica, que permitirá uma melhor caracterização da vivência do processo de acolhimento familiar. Poderá também ser importante integrar a visão dos jovens com a das famílias de acolhimento, no sentido de perceber quais as questões comuns e quais as questões divergentes.

As implicações práticas deste estudo prendem-se com a possibilidade dos seus resultados poderem contribuir para a reflexão em torno da formação das famílias de acolhimento, por um lado, no que diz respeito à caracterização dos jovens acolhidos e da gestão das suas expectativas e, por outro, no que concerne à valorização da relação triádica entre a família de acolhimento, o jovem acolhido e a sua família biológica.

Neste sentido e em modo de conclusão, os resultados deste estudo são importantes contributos para a compreensão mais aprofundada acerca da realidade do acolhimento familiar em Portugal e, mais especificamente, para a compreensão da visão que os jovens acolhidos têm da mesma, considerando os desafios e as estratégias utilizadas que lhe estão inerentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andersson, G. (2005). Family relations, adjustment and well-being in a longitudinal study of children in care. *Child and Family Social Work, 10*, 43–56.
- Berrick, J. D., & Skivenes, M. (2012). Dimensions of high quality foster care: Parenting Plus. *Children and Youth Services Review, 34*(9), 1956-1965. DOI: 10.1016/j.chilyouth.2012.05.026.
- Bertão, A., Delgado, P., Carvalho, J. M., & Pinto, V. S. (2015). O contacto no acolhimento familiar de crianças e jovens. Uma avaliação atual. *Journal of Child and Adolescent Psychology, 6*(1), 193-209.
- Biehal, N. (2014). A Sense of Belonging: Meanings of Family and Home in Long-Term Foster Care. *British Journal of Social Work, 44*, 955–971. DOI:10.1093 /bjsw /bcs177.
- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-Nurture Reconceptualized in Developmental Perspective: A Bioecological Model. *Psychological Review, 101*(4), 568–586.
- Cooley, M., Wojciak, A.S., Farineau, H. & Mullis, A. (2015). The Association Between Perception Of Relationship With Caregivers And Behaviours Of Youth In Foster Care: A Child And Caregiver Perspective. *Journal of Social Work Practice, 29*(2), 205–221. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02650533.2014.933405>.
- Cramer, P. (2000). Defense Mechanisms in Psychology Today: Further Processes for Adaptation. *American Psychologist, 55*(6), 637–646. DOI: 10.1037//0003-066X.55.6.637.
- Delgado, P. (2016). *O Contacto no Acolhimento Familiar: O Que Pensam as Crianças, as Famílias e os Profissionais*. Mais Leituras Editora.
- Delgado, P., Carvalho, J., & Pinto, V. S. (2014). Crescer em família: a permanência no acolhimento familiar. *Revista interuniversitária, 23*, 123-150. DOI: 10.7179/PSRI_2014.23.06.
- Delgado, P., Carvalho, J. M., Pinto, V. S., & Oliveira, J. (2017). Carers and Professionals' Perspectives on Foster Care Outcomes: The Role of Contact. *Journal of Social Service Research, 43*(5), 533-546.

- Delgado, P., López, M., Carvalho, J., & Del Valle, J. F. (2015). Acolhimento Familiar em Portugal e Espanha: Uma Investigação Comparada sobre a Satisfação dos Acolhedores. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 28(4), 840-849. DOI: 10.1590/1678-7153.201528423ISSN 1678-7153.
- Delgado, P. & Pinto, V. S. (2011). Criteria for the selection of foster families and monitoring of placements: Comparative study of the application of the Casey Foster Applicant Inventory-Applicant Version (CFAI-A). *Children and Youth Services Review*, 33, 1031 – 1038. DOI:10.1016/j.childyouth.2011.01.005.
- Diário da República. (2015). Decreto-lei n.º 142/2015, de 8 de setembro. Diário da república, 1ª série, nº 175 (pp. 7198-7232). Lisboa: Ministério do trabalho e da Solidariedade Social.
- Diário da República. (2008). Decreto-lei n.º 11/2008, de 17 de janeiro. Diário da república, 1ª série, nº 12 (pp. 552-559). Lisboa: Ministério do trabalho e da Solidariedade Social.
- Drapeau, S., Saint-Jacques, M., Lépine, R., Bégin, G., & Bernard, M. (2007). Processes that contribute to resilience among youth in foster care. *Journal of Adolescence*, 30, 977-999. DOI: 10.1016/j.adolescence.2007.01.005.
- Ellingsen, I. T., Stephens, P., & Størksen, I. (2011). Congruence and incongruence in the perception of “family” among foster parents, birth parents and their adolescent (foster) children. *Child and Family Social Work*, 17, 427-437. DOI: 10.1111/j.1365-2206.2011.00796.x.
- Instituto da Segurança Social. (2018). *Relatório CASA 2017 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social.
- Jones, A. M., & Morris, T. L. (2012). Psychological Adjustment of Children in Foster Care: Review and Implications for Best Practice. *Journal of Public Child Welfare*, 6, 129-148. DOI: 10.1080/15548732.2011.617272.
- Kelly, W., & Salmon, K. (2014). Helping foster parents understand the foster child’s perspective: A relational learning framework for foster care. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 19(4) 535-547. DOI: 10.1177/1359104514524067.

- Marcus, R. F. (1991). The attachments of children in foster care. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 117(4), 365-394.
- Maaskant, A. M., Van Rooij, F. B., Bos, H. M., & Hermanns, J. M. (2016). The wellbeing of foster children and their relationship with foster parents and biological parents: a child's perspective. *Journal of Social Work Practice*, 30(4), 379-395. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02650533.2015.1092952>.
- Monteiro, P. & Confraria, L. (2014). Capítulo 22: Adolescência. In P. Monteiro (Ed.), *Psicologia e psiquiatria da infância e adolescência* (339–358). Lisboa: Lidel.
- Oosterman, M., & Schuengel, C. (2008). Attachment in foster children associated with caregiver's sensitivity and behavioral problems. *Infant Mental Health Journal*, 29(6), 609-623. DOI: 10.1002/imhj.20198.
- Saldaña, J (2011). *Fundamentals of Qualitative Research*. New York: Oxford University Press.
- Sawyer, M. G., Carbone, J. A., Searle, A. K. & Robinson, P. (2007). The mental health and wellbeing of children and adolescents in home-based foster care. *Medical Journal of Australia*, 186(4), 181–184.
- Sinclair, I. & Wilson, K. (2003). Matches and Mismatches: The Contribution of Carers and Children to the Success of Foster Placements. *British Journal of Social Work*, 33, 871–884.
- Smyke, A. T., Zeanah, C. H., Fox, N. A., Nelson, C. A., & Guthrie, D. (2010). Placement in Foster Care Enhances Quality of Attachment Among Young Institutionalized Children. *Child Development*, 81(1), 212-223.
- Snape, D. & Spencer, L. (2003). The Foundations of Qualitative Research. In J. Ritchie & J. Lewis. *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers* (1-23). London: SAGE Publications.
- Storer, H. L., Barkan, S. E., Stenhouse, L. L., Eichenlaub, C., Mallillin, A. & Haggerty, K. P. (2014). In search of connection: The foster youth and caregiver relationship. *Children and Youth Services Review*, 42, 110–117. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.04.008>.

- Trout, A. L., Hagaman, J., Casey, K., Reid, R. & Epstein, M. H. (2008). The academic status of children and youth in out-of-home care: A review of the literature. *Children and Youth Services Review, 30*, 979–994.
- UNICEF (2004). *A Convenção sobre os Direitos da Criança*.
- Van Andel, H. W., Grietens, H., Strijker, J., Van der Gaag, R. J., & Knorth, E. J. (2014). Searching for effective interventions for foster children under stress: a meta-analysis. *Child and Family Social Work, 19*, 149-155. DOI: 10.1111/j.1365-2206.2012.00885.x.
- Van Andel, H. W., Post, W. J., Jansenc, L. M., Kamphuisd, J. S., Van der Gaag, R. J., Knorth, E. J., & Grietensb, H. (2015). The developing relationship between recently placed foster infants and toddlers and their foster carers: Do demographic factors, placement characteristics and biological stress markers matter?. *Children and Youth Services Review, 58*, 219-226. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2015.10.003> 0190-7409.
- Veiga, F. (2012). Envolvimento dos alunos na escola: Elaboração de uma nova escala de avaliação. *International Journal of Developmental and Educational Psychology, 1*(1), 441-449.
- Zeanah, C.h., Shaffer, C., & Dozier, M. (2011). Foster Care for Young Children: Why It Must Be Developmentally Informed. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 50*(12), 1199–1201. DOI: 10.1016/j.jaac. 2011.08.001.

Anexos

Anexo I – Guião de entrevista semiestruturada “Perceções dos jovens acerca dos desafios e estratégias de adaptação ao longo do processo de acolhimento familiar”

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA “PERCEÇÕES DOS JOVENS ACERCA DOS DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO AO LONGO DO PROCESSO DE ACOLHIMENTO FAMILIAR”

(Tavares, Negrão, Veiga & Veríssimo, 2018)

Nº	Questões de investigação	Subquestões	Exemplos de questões para o entrevistado
0	Dados sociodemográficos		<ul style="list-style-type: none"> - Como te chamas? - Que idade tens?
1	Qual é a perceção dos jovens acolhidos acerca da sua relação com a família de acolhimento?	Como se caracteriza a situação de acolhimento?	<ul style="list-style-type: none"> - Com quem vives? - Como chamas as pessoas com quem vives? Costumas tratá-los assim? - Há quanto tempo estás nesta família de acolhimento? - É a primeira vez que estás numa família de acolhimento? - Onde viveste antes?
		Como se caracteriza a relação com a família de acolhimento?	<ul style="list-style-type: none"> - Como é a tua relação com (nomes)? - O que costumam fazer juntos? - O que gostas de fazer em família? - O que para ti é mais divertido? E o que gostas menos de fazer? - Como celebraste o teu último aniversário? Com quem estiveste?

		Como são as rotinas familiares?	<ul style="list-style-type: none"> - Costumas ajudar nas tarefas de casa? Em que tarefas? - Costumam falar sobre o vosso dia-a-dia? E sobre a escola?
		Como se caracteriza a participação da família de acolhimento na dimensão escolar?	<ul style="list-style-type: none"> - Como costumam ir para a escola? - Onde costumam estudar/ fazer os TPC? - Quem te costuma ajudar?
2	Quais são os principais desafios dos jovens acolhidos, ao longo do processo de acolhimento?	Quais as dificuldades sentidas ao longo do processo?	<ul style="list-style-type: none"> - Quais foram as maiores dificuldades que sentiste até agora? - Em que situações é que sentiste mais dificuldades? - Porque é que achas que essas situações foram difíceis para ti?
3	Quais são as principais estratégias de adaptação dos jovens acolhidos, ao longo do processo de acolhimento?	Como ultrapassaram as dificuldades?	- Como foste ultrapassando essas dificuldades?
		Existem redes de suporte informais e/ou formais/ institucionais, utilizadas pelos jovens acolhidos?	<ul style="list-style-type: none"> - Tens algum amigo ou familiar com quem costumes falar sobre os teus problemas? Em que situações é que recorres a eles? - Na tua opinião, qual é a importância deste tipo de apoio? - E em termos de serviços ou instituições, tens algum a quem costumam recorrer? Em que situações? - Na tua opinião, qual é a importância deste tipo de apoio?

Anexo II – Pedido de colaboração no estudo e consentimento informado



Pedido de colaboração no estudo

Tema: Desafios e estratégias de adaptação dos jovens em situação de acolhimento familiar.

Investigador principal: Mariana Marques Tavares (Mestranda em Psicologia na especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano, na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto).

Equipa de investigação e orientação: Professora(s) Doutora(s) Mariana Negrão, Elisa Veiga e Lurdes Veríssimo.

Este estudo está a ser realizado no âmbito do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto) e tem como objetivo principal compreender a perspetiva dos jovens acerca dos desafios e estratégias de adaptação ao longo do processo de acolhimento familiar.

Deste modo, para recolha de dados, será realizada uma entrevista que se pretende que seja gravada em áudio para que exista um maior rigor na análise dos dados.

A sua participação é totalmente voluntária, pelo que poderá optar por interromper, esclarecer algum tipo de dúvida, ou desistir em qualquer momento da entrevista. Caso não pretenda responder ou falar sobre algum assunto, a sua decisão será completamente respeitada.

Todos os dados que o/a possam identificar permanecerão completamente confidenciais. Os mesmos nunca serão revelados, assegurando-se, desta forma, a sua privacidade e anonimato.

Qualquer dúvida que possa surgir durante o processo pode ser esclarecida junto de uma das orientadoras do projeto – Professora Doutora Mariana Negrão (mnegrao@porto.ucp.pt), Professora Doutora Elisa Veiga (eveiga@porto.ucp.pt) e Professora Doutora Lurdes Veríssimo (lverissimo@porto.ucp.pt).

Consentimento informado

A preencher pelo representante legal, no caso da idade do jovem ser inferior a 18 anos:

Eu, (nome completo) _____,
representante legal de _____,
compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em que o menor que está ao meu cuidado será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que considere necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória. Além disso, foi-me afirmado que o menor tem o direito de recusar em qualquer momento a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo. Por isso, consinto a participação do menor no projeto “*Desafios e estratégias de adaptação dos jovens em situação de acolhimento familiar*” proposto pela equipa de investigação.

Assinatura do representante legal:

Data:

_____ de _____ de 2018

A preencher pelo(a) jovem, independentemente da sua idade:

Eu, (nome completo) _____,
compreendi a explicação que me foi fornecida acerca do estudo em que serei incluído(a). Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que considere necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar em qualquer momento a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo. Por isso, consinto a minha participação no projeto “*Desafios e estratégias de adaptação dos jovens em situação de acolhimento familiar*” proposto pela equipa de investigação.

Assinatura do/a participante:

Data:

_____ de _____ de 2018

Anexo III – Sistema de categorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS		
1. História de vida	1.1. Acolhimentos prévios	1.1.1. Casa de acolhimento	
		1.1.2. Família biológica	
		1.1.3. Família de acolhimento	
	1.2. Expectativas acerca da família de acolhimento	1.2.1. Negativas	
		1.2.2. Positivas	
	1.3. Tipo de apoio percebido por parte de instituições	1.3.1. Casa de acolhimento	1.3.1.1.Negativo
			1.3.1.2.Positivo
			1.3.1.3.Formal
		1.3.2. CPCJ	1.3.2.1.Negativo
			1.3.2.2.Positivo
			1.3.2.3.Formal
		1.3.3. Entidade Gestora de um Programa de Acolhimento	1.3.3.1.Negativo
			1.3.3.2.Positivo
			1.3.3.3.Formal
	2. Processo de acolhimento	2.1.Relação com a família de acolhimento	2.1.1. Avaliação global
2.1.2. Aspetos positivos			
2.1.3. Dificuldades			2.1.3.1.Dificuldades identificadas pelos jovens
			2.1.3.2.Dificuldades na perspetiva do investigador
2.1.4. Aniversário			
2.1.5. Elementos privilegiados			

	2.1.6. Outros elementos	
	2.1.7. Tipo de apoio recebido	2.1.7.1. Apoio ao estudo e TPC
		2.1.7.2. Suporte
2.2. Participação no quotidiano da família de acolhimento	2.2.1. Atividades de lazer	
	2.2.2. Atividades de vida diária	
2.3. Relação com a escola e grupo de pares	2.3.1. Aspectos positivos	
	2.3.2. Dificuldades	2.3.2.1. Dificuldades identificadas pelos jovens
		2.3.2.2. Dificuldades na perspetiva do investigador
2.4. Relação com a família biológica	2.4.1. Aspectos positivos	
	2.4.2. Dificuldades	2.4.2.1. Dificuldades identificadas pelos jovens
		2.4.2.2. Dificuldades na perspetiva do investigador
2.5. Relação com instituições	2.5.1. Aspectos positivos	
	2.5.2. Dificuldades	2.5.1.1. Dificuldades identificadas pelos jovens
		2.5.1.2. Dificuldades na perspetiva do investigador
2.6. Vivência psicológica do processo de acolhimento familiar		

Anexo IV – Codificação, categorização e descrição das categorias

1. HISTÓRIA DE VIDA

(Integra informações relativas ao passado dos jovens)

1.1. ACOLHIMENTOS PRÉVIOS

(Informações relativas ao passado dos jovens, mais concretamente, em relação a acolhimentos prévios)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
1.1.1.	Casa de acolhimento	3	6	<i>“E: Onde estavas antes? M: No colégio”</i>
1.1.2.	Família biológica	5	10	<i>“E: Onde é que tu estavas antes de estares com o R. e com a S.? C.: Com a minha mãe”</i>
1.1.3.	Família de acolhimento	1	2	<i>“Já tive numa mas isso... esse... não foi bem... eles tiveram... tiveram uma interrupção, tiveram de ir para Inglaterra ou algo do género porque o pai que é, que é... professor universitário e então não deu para... continuar esse...”</i>

1.2. EXPECTATIVAS ACERCA DA FAMÍLIA DE ACOLHIMENTO

(Informações relativas ao passado dos jovens, mais concretamente, em relação às expectativas acerca da família de acolhimento)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
1.2.1.	Negativas	2	4	<i>“MA.: Eu não queria vir para aqui”; “M.: Antes de vir para aqui o problema era adaptar-me à família”</i>
1.2.2.	Positivas	1	4	<i>“B: Que ia tudo melhorar. Que ia ser tudo melhor... de lá para a frente”</i>

1.3. TIPO DE APOIO PERCEBIDO POR PARTE DE INSTITUIÇÕES

(Integra informações relativas ao tipo de apoio que os jovens tiveram por parte de instituições)

1.3.1. Casa de acolhimento

(Tipo de apoio que os jovens tiveram por parte de instituições, mais concretamente, por parte das Casas de Acolhimento)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
1.3.1.1.	Negativo	1	2	<i>“B: Não gostava do sítio, não gostava do ambiente que estava lá.”</i>
1.3.1.2.	Positivo	1	1	<i>“MA.: Havia duas [pessoas em quem confiava].”</i>
1.3.1.3.	Formal	0	0	

1.3.2. CPCJ

(Tipo de apoio que os jovens tiveram por parte de instituições, mais concretamente, por parte da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
1.3.2.1.	Negativo	0	0	
1.3.2.2.	Positivo	0	0	
1.3.2.3.	Formal	2	2	<i>“B: Antes, havia visitas. Mas depois a CPCJ cortou.”</i>

1.3.3. Entidade Gestora de um Programa de Acolhimento

(Tipo de apoio que os jovens tiveram por parte de instituições, mais concretamente, por parte da Entidade Gestora de um Programa de Acolhimento)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
1.3.3.1.	Negativo	0	0	
1.3.3.2.	Positivo	2	3	<i>“B: A Dr.ª C., ajudou-nos muito”</i>
1.3.3.3.	Formal	0	0	

2. PROCESSO DE ACOLHIMENTO

(Integra informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens)

2.1. RELAÇÃO COM A FAMÍLIA DE ACOLHIMENTO

(Informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens, mais concretamente, no que respeita à sua relação com a família de acolhimento)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
2.1.1.	Avaliação global	5	9	<i>“M: É boa... É como pais e filho.” “D: Melhor que isto é impossível.”</i>
2.1.2.	Aspetos positivos	5	24	<i>“B: Estou muito melhor agora... Sei que estão sempre prontos a ajudar-me”</i>
2.1.3.	Dificuldades			
2.1.3.1.	Dificuldades identificadas pelos jovens	1	3	<i>“C: No início senti-me atrapalhada porque era aquela impressão de ir morar com estranhos e que não conhecia de lado nenhum.”</i>
2.1.3.2.	Dificuldades na perspetiva do investigador	2	3	<i>“MA: Eu não queria vir para aqui.”</i>
2.1.4.	Aniversários	5	10	<i>“B: Festejamos aqui primeiro em casa... E depois eu fui sair com os meus amigos.”</i>
2.1.5.	Elementos privilegiados	4	4	<i>“MA: A minha mãe”; “M: À minha tia”</i>
2.1.6.	Outros elementos	2	2	<i>“C: É quase como se fosse um irmão, de vez em quando chateamos... o normal.”</i>
2.1.7.	Tipo de apoio percebido			
2.1.7.1.	Apoio ao estudo e TPC	4	5	<i>“D: Particularmente a S., porque é melhor a português que o R.”</i>
2.1.7.2.	Suporte	1	4	<i>“E: Alguma pessoa que tu sentes que te tenha apoiado neste processo... Há alguém que tu destaques? C.: A família.”</i>

2.2. PARTICIPAÇÃO NO QUOTIDIANO DA FAMÍLIA DE ACOLHIMENTO

(Informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens, mais concretamente, em relação à sua participação no quotidiano da família de acolhimento)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
2.2.1.	Atividades de lazer	5	18	<i>“MA: Andamos a pé com a minha cadela... Vamos ao shopping.”</i>
2.2.2.	Atividades de vida diária	5	5	<i>“M: Limpar o pó, lavar a loiça, fazer as camas...”</i>

2.3. RELAÇÃO COM A ESCOLA E GRUPO DE PARES

(Informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens, mais concretamente, no que respeita à sua relação com a escola e grupo de pares)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
2.3.1.	Aspetos positivos	5	23	<i>“MA: Estão na escola... as minhas melhores amigas”</i>
2.3.2.	Dificuldades			
2.3.2.1.	Dificuldades identificadas pelos jovens	1	2	<i>“C: Criar as amizades. No início foi difícil mas depois fui-me habituando.”</i>
2.3.2.2.	Dificuldades na perspetiva do investigador	1	1	<i>“D: Cheguei a praticar dois anos de futebol só que depois deixei.”</i>

2.4. RELAÇÃO COM A FAMÍLIA BIOLÓGICA

(Informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens, mais concretamente, no que respeita à sua relação com a família biológica)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
2.4.1.	Aspetos positivos	3	6	<i>“MA: Nós ligamos e combinamos um sítio... E passamos a tarde.”</i>
2.4.2.	Dificuldades			
2.4.2.1.	Dificuldades identificadas pelos jovens	2	2	<i>“C: Por um lado sinto-me mal porque gostava que ela [mãe] mostrasse interesse e isso.”</i>
2.4.2.2.	Dificuldades na perspetiva do investigador	5	10	<i>“MA: Já não estou com ele [irmão] há 3 anos.”</i>

2.5. RELAÇÃO COM INSTITUIÇÕES

(Integra informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens, mais concretamente, no que respeita à sua relação com instituições)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
2.5.1.	Aspetos positivos	2	10	<i>“M: É bom, por um lado... Para saber como está tudo... Se estivesse mal, temos a M.V. pra falar.”</i>
2.5.2.	Dificuldades			
2.5.2.1.	Dificuldades identificadas pelos jovens	2	4	<i>“C: Que estavam a ser injustos, ao tirar-me da minha mãe... porque é que tinha de ser a mim aquilo... se fosse mais nova era mais fácil de me adaptar à família.”</i>
2.5.2.2.	Dificuldades na perspetiva do investigador	0	0	

2.6. VIVÊNCIA PSICOLÓGICA DO PROCESSO DE ACOLHIMENTO FAMILIAR

(Integra informações relativas ao processo de acolhimento dos jovens, mais concretamente, em relação à sua relação com a família biológica)

Código	Designação	Número de fontes	Número de referências	Exemplo dos dados
2.6.	Vivência psicológica do processo de acolhimento familiar	2	6	<i>“MA: Acho que o meu comportamento mudou... Num bom [sentido].”</i>